

**Embrapa**

**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**  
**Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido**  
Ministério da Agricultura e do Abastecimento  
BR 428, Km 152, Zona Rural, Caixa Postal 23 - Fone: (081) 862.1711  
Fax: (081) 862.1744 - E mail: cpatsa@cpatsa.embrapa.br  
56300-000, Petrolina-PE

## DOCUMENTOS

Nº 82, fev./97, p.1-6

### PETROLINA - UM SERTÃO VERDE

Edson Lustosa de Posúdio<sup>1</sup>

#### O Início da Atividade Agrícola

A atividade agrícola, o desbravamento do interior e a criação do gado no sertão São-franciscano, são contemporâneos e iniciados no século XVIII. Contudo, nessa época, a agricultura não era a atividade principal, pois teve um desenvolvimento inexpressivo à sombra dos chamados currais, sendo cultivados pequenos campos destinados ao abastecimento da população de cada curral.

Dessa situação, evoluíram ao longo do tempo, a agricultura e a pecuária, com características bem distintas. A pecuária era explorada nas áreas de Caatinga com criação de bovinos, caprinos e ovinos, de forma ultra-extensiva e eminentemente extrativista; a agricultura aproveitava as margens do rio umedecidas pelas cheias periódicas, para o plantio de culturas alimentares, onde parte era consumida pelo produtor e o excedente, comercializado. Os animais pastavam a vegetação nativa em grandes áreas comuns (nos períodos das chuvas de novembro a abril), não existiam cercas dividindo as propriedades, as quais, em termos de benfeitorias, possuíam uma ou duas casas, um curral, um açude de pequeno ou médio porte que, não raro, secava no período de estiagem. Uma prática muito comum nesse sistema de criação era a queima do mandacaru e da macambira no período seco, para serem oferecidos aos animais como ração.

<sup>1</sup>Engº Agrº, M.Sc., Pesquisador da EMBRAPA-Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido (CPATSA), Cx. Postal 23, 56300-000 Petrolina, PE.

## **A Agricultura Irrigada e o Desenvolvimento da Tecnologia**

Na exploração agrícola da vazante do rio, eram cultivados o milho, o feijão, a batata-doce, a mandioca e a cana-de-açúcar, que ensejavam o início de uma agroindústria artesanal, através de casas-de-farinha e engenhos de rapadura e mel. Foi da agricultura de vazante que surgiram as primeiras idéias voltadas para a irrigação, inicialmente com latas e cuias, depois através da elevação da água do rio utilizando-se rodas d'água, sendo a primeira instalada em Belém do São Francisco-PE, no ano de 1932.

A partir da criação da Comissão do Vale do São Francisco (C.V.S.F.), em 1948, pelo então Presidente Vargas, foi definido um programa de ação para o órgão, dividido em quatro planos quinquenais, entre 1951 e 1970, onde a agricultura irrigada estava contemplada. Assim, nos anos 50, era evidente a disseminação de equipamentos individuais de motobombas (diesel) e uma pequena rede de canais nas margens do rio São Francisco, entre Petrolina-PE e Paulo Afonso-BA. A cultura da cebola era preferida pelos agricultores, em face ao excelente mercado do centro-sul do país e os altos retornos financeiros.

Na década de 50, também instalou-se em Petrolina o "Posto de Colonização", por iniciativa de Dom Avelar Brandão Vilela, então bispo da diocese, onde a exploração era assistida por um Engenheiro Agrônomo. Os recursos para o custeio do posto vinham da receita de 5% do valor da produção agrícola, complementados com uma contribuição outorgada pela Comissão do Vale.

Ali eram produzidas as culturas de tomate, batata-doce, mandioca e algumas frutas como uva, laranja, manga, banana e outras.

Nesta mesma década, foram instituídas, em Petrolina, as "Semanas Ruralistas", promovidas pelo Bispo Dom Avelar e sua equipe da área de desenvolvimento rural. Constavam de palestras, debates, visitas a propriedades e mesas redondas sobre os mais diversos temas relacionados à produção e à agropecuária da região. Entretanto, a irrigação até então realizada só

atingia os aluviões, que apresentavam muitas limitações em termos de área (cerca de 100 metros de largura média aproveitável), salinização e inundações periódicas. Contudo, com a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), no final da década de 1950, foi iniciado o levantamento de solos da Caatinga para fins de irrigação, em convênio com a Food Agricultural Organization (FAO). No município de Petrolina, foram identificadas três áreas irrigáveis, a saber: Bebedouro (2,5 mil ha), Massangano (22,0 mil ha) e Pontal (8,0 mil ha). Paralelamente, foram localizadas quatro áreas irrigáveis no município de Juazeiro-BA: Salitre, Tourão, Maniçoba e Curaçá.

Em 1968, foi inaugurado o primeiro projeto piloto de irrigação da Caatinga, com 130 ha, divididos em 16 lotes de colonos, no município de Petrolina, na antiga Fazenda Barra de Bebedouro. Inicialmente, existiam muitas dúvidas técnicas e operacionais, tanto por parte dos técnicos que estavam à frente do empreendimento, como por parte dos colonos que se propuseram a assumir os lotes. Na realidade, o pioneirismo desses colonos foi o marco para o desenvolvimento atual da agricultura irrigada nas áreas de Caatinga.

A partir da implantação do Projeto Piloto de Bebedouro, a C.V.S.F., já transformada em Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), começou a assumir a execução do Plano de Irrigação do São Francisco, elaborado e iniciado pela SUDENE.

Com as evidências de sucesso do Projeto Bebedouro, a agricultura irrigada ganhou força política e crédito dos micro, pequenos, médios e grandes empresários, tanto locais quanto de outras regiões.

Em 1974, a SUVALE deu lugar à Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (CODEVASF), com sede em Brasília-DF, abrangendo uma área de ação de 640.000 km<sup>2</sup>, abrigando uma população de 14 milhões de pessoas. A referida área está dividida em Superintendências Regionais, das quais a terceira está sediada na cidade de Petrolina-PE, tendo hoje, como área de atuação, a margem esquerda do rio São Francisco, entre os municípios de Casa Nova-BA e Petrolândia-PE.

Na sequência, a 3ª Superintendência implantou os Projetos de Irrigação de Mandacaru, Tourão, Maniçoba e Curaçá, no Estado da Bahia, entre 1973 e 1982, com uma área irrigável de 19.539 ha.

Em 1979, os municípios de Petrolina-PE e Casa Nova-BA foram contemplados com a implantação do maior perímetro irrigado da 3ª Superintendência - o Perímetro de Irrigação Senador Nilo Coelho - com uma área total de 20.018 ha, inclusive 5.000 ha de área de expansão. Juntamente com o Projeto Bebedouro, o município já conta com mais de 1500 colonos, além de mais 130 empresários que, se incluídos os proprietários da zona ribeirinha, chegam a irrigar mais de 22 mil hectares.

### **A Pesquisa Agropecuária**

Com a criação da SUDENE, já mencionada anteriormente, foi criado o Grupo de Irrigação do São Francisco (GISF), que trabalhando em convênio com a FAO, instalou duas Estações Experimentais, uma nos Latossolos de Petrolina (1963), na área de Bebedouro, e outra nos Vertissolos de Juazeiro (1964), na área de Mandacaru, cada uma com aproximadamente 50 ha. Estas Estações destinavam-se à pesquisa agropecuária visando o desenvolvimento de tecnologias que viabilizassem técnica e economicamente os grandes projetos de irrigação a serem implementados nas Caatingas do São Francisco.

Em 1976 foi criado o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido - CPATSA, com sede em Petrolina, Unidade Descentralizada da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, com sede em Brasília-DF, surgindo, então, o convênio celebrado entre CODEVASF e EMBRAPA, para o desenvolvimento e adaptação de tecnologias agropecuárias voltadas para a agricultura irrigada. Por força deste convênio, o CPATSA assumiu a manutenção e operacionalização dos campos experimentais de Bebedouro e Mandacaru.

Ainda na década de 1970, a Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária - IPA desenvolveu um programa de irrigação em Belém do São Francisco, com fortes consequências

para o desenvolvimento da agricultura irrigada da região, especialmente com a criação de variedades de tomate industrial, cebola e feijão de arranca.

### **Os Frutos do Vale**

Os produtos que ora mais se destacam na exploração das áreas irrigadas são: uva, manga, tomate, melancia, banana, melão, cebola, acerola, aspargo, goiaba, abóbora, todas destinados aos mercados interno e externo e/ou para a industrialização.

A agroindústria da região conta com unidades de processamento de tomate; pimentão para fabricação de corantes; processamento de frutos para doces e polpa; beneficiamento de mel de abelha e congelamento de frutos de acerola para exportação. A fabricação de vinhos, bem como de vinagre e sucos constitui-se em grandes opções agroindustriais, com resultados preliminares surpreendentes.

Petrolina conta, também, com empresa de exportação de frutas frescas, a VALEXPORT, criada em 1988 para desenvolver ações técnicas e gestões político-institucionais. Evoluiu a exportação de frutas de 500 toneladas em 89/90, para 34.000 toneladas em 93/94. Alterna anualmente com Juazeiro-BA, a Feira Nacional de Agricultura Irrigada (FENAR), que em 1995, reuniu expositores de todo o país e do exterior em uma área de 5.000 m<sup>2</sup>, apresentando um volume negociado de 70 milhões de reais. A presença de empresas multinacionais e visitantes da Europa e dos Estados Unidos demonstra o quanto a agricultura irrigada do Vale do São Francisco desperta a atenção, tanto ao nível nacional como internacional.

É evidente que todo esse surto de desenvolvimento dos últimos 25 anos, deve-se à expansão da agricultura irrigada ocorrida no período, baseado nos resultados de pesquisa e desenvolvimento, bem como, na firme decisão da iniciativa privada de investir nestas áreas. Petrolina tem hoje a maior taxa de crescimento demográfico do Estado e uma das maiores do País. Segundo o prefeito Fernando Bezerra Coelho, “graças ao crescimento da agricultura irrigada, Petrolina tem recebido muitos recursos nas áreas comercial e industrial. Estamos de portas abertas para todos que queiram fazer parte do nosso progresso”, afirma ao Jornal FENAR 94.

Com todo este trabalho, o ribeirão tem assistido a evolução incontestada da agricultura irrigada nestes últimos anos. Debaixo do sol inclemente do sertão, a vegetação nativa, tantas vezes verde, tantas vezes seca, contrasta com o vigor da área cultivada e produtiva, fruto dos que acreditam na terra e dela colhem a mais doce uva, a melhor manga, a mais saborosa melancia.

Revisão Editorial: Eduardo Assis Menezes

Composição: Nivaldo Torres dos Santos

Normalização Bibliográfica: Maristela Coelho Ferreira de Souza

Tiragem: 1000 exemplares